A ORALIDADE NO DISCURSO POÉTICO DE MANUEL BANDEIRA

Gil Roberto Costa Negreiros¹

*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP
Rua Monte Alegre, 984 CEP 01060-970
B. Perdizes – São Paulo - SP*

*Centro Universitário de Itajubá - UNIVERSITAS
Av. Dr. Antonio Braga Filho, 687 CEP 37501-002
B. Varginha – Itajubá - MG*

gilrobertonegreiros@yahoo.com.br

RESUMO

Neste trabalho, objetiva-se demonstrar como o fenômeno da oralidade marca o discurso de alguns poemas de Manuel Bandeira. Adotam-se, como referenciais teóricos, dois apoios bibliográficos: a perspectiva sociointeracionista, que considera fala e escrita dentro de um *continuum* tipológico; aspectos da Análise da Conversação, ramo da ciência linguística que estuda a dinâmica oral. Analisam-se, a partir da teoria sugerida, as marcas da oralidade presentes na poética bandeiriana. Contudo, não se consideram tais poemas como textos orais. Longe disso, o que se postula é que há a possibilidade de ocorrer, no texto escrito, aspectos do texto oral, que criam, no caso em questão, uma ilusão da oralidade no *corpus* poético.

Palavras chave: Discurso Oral, Manuel Bandeira, oralidade.

1. Introdução

Neste trabalho, questiona-se até que ponto Manuel Bandeira se aproveitou de recursos orais em sua obra poética.

Objetiva-se, assim, investigar a influência da oralidade na poesia de Bandeira à luz da Análise da Conversação, por meio da análise de certas marcas comuns no texto falado.

Define-se, como perspectiva de trabalho, a tendência sociointeracionista, que considera as modalidades falada e escrita não em posições estanques, dicotômicas, mas como variedades pertencentes a um mesmo *continuum*.

A metodologia empregada no trabalho pode ser dividida em dois momentos. Primeiramente, são resumidos aspectos de teorias da Análise da Conversação. Em seguida, analisa-se o *corpus*, composto de excertos de poemas de Bandeira. No decorrer da análise, são apresentados os trechos poéticos selecionados, que possuem marcas muito próximas de uma “língua comum”, usada em nosso cotidiano linguístico.

Constata-se, assim, que Bandeira emprega, em textos escritos, “marcas da oralidade” (no caso deste trabalho, marcas do discurso oral), que podem permitir ao leitor um reconhecimento de uma realidade linguística pertencente ao uso cotidiano da língua.

Cabe lembrar que as considerações levantadas neste trabalho não têm como meta comprovar que o texto poético é um texto oral. Considera-se que tais marcas orais discursivas, que ocorrem em certos poemas, não equivalem à transcrição oral espontânea, haja vista os limites existentes entre a língua falada e a língua escrita. Entretanto, tais recursos podem, de certa forma, revelar o habilidoso grau de elaboração de Manuel Bandeira.

2. Fala e escrita

Os estudos linguísticos atuais, quando tratam das relações entre língua falada e língua escrita, postulam que essas duas modalidades não devem ser observadas por meio de uma visão dicotômica. De uma forma geral, percebe-se, hoje, um interesse crescente por análises que permitam observar a escrita e a fala mais em suas relações de semelhança do que de diferença, em uma amálgama de gêneros e estilos, evitando as dicotomias estritamente delimitadas. (Cf. Marcuschi, 2001: 28)

3. Discurso oral

Modo de ação linguístico, que ocorre por meio da oralidade, na presença espaço-temporal ou apenas temporal (no caso das conversas de telefone) constante de um interlocutor, que será considerado como co-enunciador do discurso, em uma atividade interativa. A co-enunciação ocorre justamente pelo fato de serem os dois parceiros (falante e ouvinte, para ser mais preciso) sujeitos ativos na ação de agir sobre o outro e sobre o mundo.

4. Aplicações

Os estudos textuais contemporâneos, tanto no nível literário quanto no linguístico, têm necessidade de novas abordagens no que tange a relação fala/escrita.

Assim, a pesquisa tenta contribuir para o entendimento da questão, tão necessária na formação linguística dos docentes da área das ciências humanas e, principalmente, dos discentes de todos os níveis e áreas.

5. Conclusões

Ao cumprir nossos objetivos, há que se destacar que todos os poemas usados nesta pesquisa, por um lado, nunca foram examinados como exemplos de textos orais. A

influência do fenômeno oral no texto escrito foi, sempre, o centro norteador da análise aqui realizada. Por outro lado, nunca buscamos uma valorização da língua falada a partir de um *status* literário, mas sim uma demonstração de como o poeta, ao produzir seu texto artístico, aproveitou-se das estratégias comuns da oralidade.

Pode-se, assim, afirmar que há, desta maneira, uma ligação do fenômeno da oralidade com a obra de Manuel Bandeira, que faz uso de recursos orais como forma de independência frente aos cânones literários até então vigentes.

6. Referências

BANDEIRA, Manuel (1998). *Estrela da Vida Inteira*. São Paulo: Círculo do Livro.

BUTLER-WALL, B. A. (1986). *The frequency and function of disfluencies in native and non-native conversational discourse*. *PhD Thesis*. Los Angeles, University of California.

CRESCITELLI, Mercedes Fátima de Canha (1997). *Disfluência conversacional em falantes cultos*. São Paulo, 188p. Tese (Doutorado em Letras) – FFLCH / USP.

DUCROT, Oswald (1997). *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes.

FAIRCLOUGH, Norman (2001). *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB.

MAINGUENEAU, Dominique (2000). *Termos-chave da Análise do Discurso*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

MARCUSCHI, Luiz Antonio (2001). *Da fala para a escrita*. São Paulo: Cortez.

¹ Doutor em Língua Portuguesa (PUC-SP). Desenvolve pesquisas no campo da oralidade, oralidade e texto literário, fala e escrita, interação em gêneros orais e da Internet.